

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



O PAPEL DAS FORMAS AUTONOMIZADAS NO PROCESSO DE ACUMULAÇÃO DO CAPITAL

Ana Livia Rodrigues de Souza¹, Lyssandra Nascimento Chaves², Isac Rodrigues Pereira³, Vinicius Nunes de Oliveira⁴, Jackson Rayron Monteiro⁵

Resumo: No sistema capitalista, é necessário que o capital se expanda através de formas autonomizadas com o objetivo principal de gerar lucro. Dito isso, este trabalho busca entender o papel das formas autonomizadas de acumulação de capital e como esse processo funciona nos diferentes segmentos do capital. Onde destacou-se que o processo de acumulação de capital se dá, primariamente, na geração de mais-valia, onde o aumento da produtividade gera aumento da composição orgânica do capital. Outra forma de automação do capital está no comércio de mercadorias, onde, no movimento de compra e venda, mais valor é acrescentado ao produto. Este, por sua vez, está ligado ao capital portador de juros, cujo lucro é obtido do rendimento de ações, títulos da dívida pública e investimentos monetários que rendem juros ao longo do tempo. Por fim, o capital fictício se refere à especulação de um valor futuro. Nota-se como estes processos estão interligados entre si e seu papel na geração de lucro aos capitalistas.

Palavras-chave: Capital. Mais-valia. Automação. Marx.

Introdução

O capital tem um processo de produção e reprodução cujo principal objetivo é gerar lucro. Para isso, os meios de produção precisam agregar valor ao capital, como Coggiola (2009) coloca, "é necessário que o capital se reproduza e se expanda, não apenas através da reprodução simples, mas necessariamente como reprodução ampliada, como acumulação de valor e de mais-valia, como acumulação de capital".

Objetivo

Tomando esta afirmação como base, o presente trabalho tem por objetivo discutir sobre o papel das formas autonomizadas no processo de acumulação de capital, entendendo o conceito de valor e como a geração de valor nos diferentes segmentos do capital, como o capital comercial, o capital portador de juros e o capital fictício.

¹ Universidade Regional do Cariri, e-mail: analivia.rodrigues@urca.br

² Universidade Regional do Cariri, e-mail: lyssandra.nascimento@urca.br

³ Universidade Regional do Cariri, e-mail: isac.rodrigues@urca.br

⁴ Universidade Regional do Cariri, e-mail: vinicius.nunes@urca.br

⁵ Universidade Regional do Cariri, e-mail: jackson.monteiro@urca.br

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



Metodologia

Tomando a pesquisa bibliográfica como base metodológica, e a busca por livros que debatem os pensamentos de Marx, assim como artigos e trabalhos de outros autores que estudam e debatem sobre a reprodução do capital e os diferentes tipos de capital que serão abordados: capital comercial, portador de juros e fictício.

Resultados

O processo de acumulação do capital se dá no próprio processo de geração da mais-valia, ou seja, na reprodução do capital na medida em que o capital busca ampliar a sua produtividade e assim gozar de mais-valor extra, ele a faz a partir do aumento de meios de produção que serão manipulados pela força de trabalho, pois o aumento da produtividade é o aumento de meios de produção operados pela mesma quantidade de trabalho. Sendo assim, o aumento da produtividade do capital também é o aumento da sua composição orgânica, aumento esse que se consolida com o processo de acumulação, de concentração e centralização do capital (Netto; Braz, 2006; Marx, 2013; Coggiola, 2021).

As formas autonomizadas desempenham um papel crucial no processo de acumulação do capital. A substantivação ou autonomização das formas do capital dizem respeito à própria necessidade que o capital tem de acelerar o seu tempo de rotação e assim ampliar as suas massa e taxa de lucro. Essas formas referem-se a mecanismos e relações que surgem dentro do sistema capitalista, nos quais certos aspectos do capital adquirem uma autonomia aparente, separando-se da base material e das relações sociais subjacentes.

Uma forma autonomizada importante se dá através do dinheiro. No capitalismo, o dinheiro se torna uma entidade autônoma, capaz de circular e funcionar como um meio de troca e medida de valor, permitindo a realização de transações comerciais, a conversão do valor das mercadorias em uma forma universalmente aceita e a reprodução da mais-valia. Coggiola (2009) enfatiza que o modo de produção capitalista tem como objetivo "a produção de mais-valia para valorizar o capital, entendido como valor em processo, valor que procura se valorizar, valor que entra na circulação para se multiplicar e se acumular." Portanto, a mais-valia representa o valor de trabalho não remunerado que se materializa em lucro para quem detém os meios de produção, logo o processo de produção capitalista é um processo de geração de mais-valor. É importante notar que essas formas autonomizadas dos diversos tipos de capitais não são independentes das relações sociais e da base material subjacente. Embora possam adquirir uma aparência de autonomia, eles são inseparáveis do sistema capitalista em si e estão intrinsecamente ligadas à exploração da força de trabalho e à busca de lucro.

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



Outra forma de autonomização do capital que Marx (2017) apresenta no capítulo XVI é o capital de comércio de mercadorias. O Capital Comercial é um conceito fundamental dentro da teoria econômica e financeira, que se refere aos recursos financeiros empregados na compra e venda de mercadorias com o objetivo de obter-se lucro, desempenhando um papel central nas atividades comerciais, permitindo a circulação e o crescimento da economia.

Tal capital se responsabilizará pela transformação do M' em D' do capital industrial – aqui considerado como o capital produtor de valor e mais-valor. Desse modo, ao adquirir a produção M' do capital industrial, o capital de comércio de mercadorias tem como funcionalidade acelerar o tempo necessário de rotação daquele capital industrial, ficando por sua conta a última fase de circulação das mercadorias.

Como consequência dessa autonomização, o capital de comércio de mercadorias se insere na sociedade a partir do seguinte ciclo: D – M – D'; onde o "D" é o capital necessário para aquisição das mercadorias (M) do capital industrial que tem como o fim o "D'" acrescido de valor valorizado.

É composto por três elementos principais: estoque, crédito e dinheiro. O estoque representa as mercadorias que estão disponíveis para a venda; o crédito refere-se às transações comerciais em que os vendedores fornecem mercadorias aos compradores antes do pagamento — permitindo que estes últimos adquiram bens e serviços com base em sua capacidade futura de pagamento; e o dinheiro, por sua vez, sendo uma expressão autônoma de uma soma de valor, é o meio de troca utilizado nas atividades comerciais (Müller; Paulani, 2012).

O capital comercial, por fim, numa relação simbiótica, depende do capital portador de juros para expandir suas operações e viabilizar transações comerciais, enquanto o capital portador de juros encontra oportunidades de lucro ao disponibilizar recursos financeiros para os agentes comerciais.

Quando a forma autonomizada de capital percorre não só a primeira parte circulação, mas o processo inteiro do capital, ela deixa de ser capital de comércio de dinheiro e passa a ser um capital portador de juros, a mercadoria-capital que tem a seguinte forma de inserção: D – D – M ... P ... M' – D' – D' Onde o primeiro "D" e o último "D'" são de propriedade desse capital portador de juros.

O termo "capital portador de juros" refere-se ao capital utilizado para investir em ativos financeiros (depósitos em contas bancárias, títulos de dívida, empréstimos e afins) que geram rendimentos na forma de juros ao longo do tempo, escondendo o processo social real de produção de riqueza material, formando-se de maneira ilusória e alienada, pois oculta a exploração do trabalho alheio, dificultando para a classe trabalhadora perceber a necessidade de se opor à ordem burguesa (Silva, 2012).

Desenvolvido por Marx, e como aponta Palludeto (2018), capital fictício é uma forma de capital que não possui uma substância material ou valor de uso real, sendo uma forma enraizada do capital portador de juros. É criado por

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



meio de mecanismos financeiros e contábeis, transformando o fluxo de renda futuro em valores de capital presente.

Como toda propriedade que rende ao final de um ciclo uma quantidade qualquer de valor, a posse de tal rendimento pode ser passada para outros proprietários por meio da venda. Assim, o que se vende não é a propriedade, mas a promessa de rendimento daquela propriedade de capital. Nesse sentido, o rendimento – parte do mais-valor repartido com o capital portador de juros – passa a ser não o fim da acumulação, mas o início e razão de ser da acumulação futura. À essa forma de funcionamento de capital, trazendo o futuro para o presente, dá-se o nome de capital fictício.

No entanto, o capital fictício também traz consigo alguns riscos. Sua valorização depende de expectativas e percepções de mercado, o que pode levar a bolhas especulativas e crises financeiras, o que pode promover colapsos financeiros que afetam não apenas o sistema financeiro, mas também a economia real.

Conclusão

Para Marx (2017) as formas autonomizadas do capital não se apresentam com um caráter maniqueísta, onde o capital industrial é funcional e as outras formas disfuncionais. As formas autonomizadas são para o próprio capital uma necessidade intrínseca que reduz o tempo de rotação do capital e que têm como única disfuncionalidade o aumento de setores na sociedade e a respectiva queda da taxa média de lucro.

"Pensar essa relação entre essência e aparência na sua unidade necessária significa olhar o mundo do capital da sua totalidade" (Teixeira, 1995, p. 170). Observando em totalidade, percebe-se como as formas de automação estão, simbioticamente, entrelaçadas entre si, onde uma se desenvolve como uma extensão da outra. A partir de uma extensão do processo de automação do capital comercial é possível identificar o processo do capital acumulador de juros e, a partir da extensão deste, embasa-se a estrutura do capital fictício.

Por fim, esse processo entrelaçado de automação do capital pode e é utilizado pelos grandes capitalistas como forma de expandir ainda mais seu capital, pelas características que os mesmos possuem de aumentar o dinheiro além da mais-valia.

Referências

COGGIOLA, Osvaldo Luis Angel. As crises econômicas e a teoria marxista. **Revista de Economia Mackenzie**, v. 7, n. 3, 2009.

_____. **Teoria Econômica Marxista**: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2021.

MARX, Karl. **O Capital**: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



_____. **O capital-Livro 3:** Crítica da economia política. Livro 3: O processo de circulação do capital. Boitempo Editorial, 2017.

_____. **O Capital:** o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÜLLER, Leonardo André Paes; PAULANI, Leda Maria. O capital portador de juros em O capital ou o sistema de Marx. **Trans/Form/Ação**, v. 35, p. 69-91, 2012.

NETTO, J. P. BRAZ, M. **Economia Política:** uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

PALLUDETO, Alex Wilhans Antonio; ROSSI, Pedro. **O capital fictício:** revisitando uma categoria controversa. Instituto de Economia, UNICAMP, 2018.

SILVA, Giselle Souza. **Transferências de renda e monetarização das políticas sociais:** estratégia de captura do fundo público pelo capital portador de juros. Financeirização, fundo público e política social. São Paulo: Cortez, p. 209-240, 2012.

TEIXEIRA, Francisco José Soares. **Pensando com Marx uma leitura crítico-comentada de o capital.** São Paulo: Ensaio, 1995.